

## Apresentação

*Maria Neide Sobral  
Terezinha Alves de Oliva*

A Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe apresenta o dossiê “Mulheres no campo do saber”, abrindo espaço para a circulação de textos que trazem contributos significativos de mulheres na educação, na literatura e na odontologia, tanto em Sergipe, como no Maranhão, no Rio Grande do Norte e na Bahia. Mulheres que viveram em seu tempo-lugar, destacando-se pelas atuações fora do reduto exclusivo de seus lares para encontrar, no espaço público, uma forma singular de se colocar, de fazer a diferença e marcar a história em determinado campo do saber.

Del Priore (2003, p. 5) assinala que o século XXI é aquele em que as mulheres assumem de fato maior protagonismo, embora, contraditoriamente, nas veias do passado patriarcal, pois “a aceleração do tempo, diversa nas diferentes partes do país, conservou traços do passado no presente”. Elas representam a si mesmas, assumem a autoria de seus escritos e feitos e mobilizam uma força motriz capaz de ver-se para além do espectro historicamente colonizador dos homens, na medida em que ganham autonomia e independência. Suas escritas constituem-se em emblemática empreitada, reinventando a si mesmas e ousando em assumir os espaços públicos no mundo das artes, dos saberes científicos, dos cargos e atribuições no mundo do trabalho, nas disputas políticas e tantas outras formas singulares de atuação.

O saber, em seus diversos campos, foi historicamente apropriado pelos homens, que ditavam e controlavam os destinos das mulheres. Sair do espaço restrito dos lares e assumir funções públicas, foi (e é) uma luta ainda em andamento. Com as transformações sociais, políticas e tecnoló-



gicas, novos desafios foram impostos, de modo que a participação feminina nos setores produtivos, nas esferas culturais, sobretudo na educação, tornou-se vital.

Muitas mulheres foram esquecidas pela história, outras tantas estão sendo revisitadas nos arquivos, nas memórias de familiares, amigos e conhecidos, trazendo à tona seu papel singular em determinados contextos históricos. Elas mesmas assumiram, por séculos, o papel de boas esposas, donas de casas e procriadoras, como algo natural e ligado aos seus destinos. Assim, seus saberes e discursos circunscrevem-se a esses papéis, nomeadamente determinados e difundidos pelos homens.

Ainda permanecem presentes traços fortemente patriarcais nas relações entre homens e mulheres, já que suas diferenças - enquanto gênero e não de sexo - implicam em entendê-las como resultantes de “uma invenção social e política”, não de algo determinado pela natureza. Trata-se de uma “relação construída e incessantemente modelada” (COLLING, 2004). Muito ainda há de se fazer e uma dessas tarefas é a de desenterrar memórias e trazer para a escrita vidas e atuações de mulheres que, em diferentes espaços e tempos, forjaram outras identidades para si mesmas, na insubordinação criativa e atuante.

Nesse dossiê, a emblemática vida de algumas mulheres que se dedicaram ao magistério, voltando-se para a educação de meninas, foi tratada em dois artigos. O primeiro deles, intitulado “Maria Porciúncula de Sousa, professora de meninas da vila de Santo Amaro das Brotas (Séc. XIX)”, de Silvaney Santos, traz evidências sobre a atuação da referida professora, enfocando seu protagonismo, ao protestar contra a supressão da Cadeira do ensino primário em que atuava e dar margem a descobertas a respeito da sua atuação na política santamarense, no período fatídico da chamada Revolução de Santo Amaro, de 1836. A professora foi jubilada em 1850, por questões políticas.

No segundo artigo, intitulado “A trajetória da professora Elvira Honorina Guerra Fontes na educação aracajuana”, Bruna Morrana dos S. Cavalcante traça o percurso da referida professora, enfocando o seu papel na educação feminina, em Aracaju, no princípio

do século XX. A autora destaca a inserção de Elvira Honorina Fontes em setores culturais da Capital, como na Liga Sergipana Contra o Analfabetismo e no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Neste último, em solenidade, pronunciou-se sobre a importância da participação feminina na sociedade.

Em deslocamentos e aproximações, acompanhamos três textos que tratam de mulheres na literatura e os saberes construídos neste singular mundo criativo, através de narrativas de si, de natureza genealógica e da imersão no mundo literário. O texto de Clivya Nobre, “A universidade hoje, muito diferente do meu tempo”: memórias e ensino de Mariza Miranda, uma professora universitária potiguar” enfoca aspectos que propiciam uma análise da formação de professoras do ensino superior, assim como de programas e abordagens curriculares, particularmente de História Antiga. Ressalta, sobretudo, as dificuldades enfrentadas no exercício profissional, pela professora Miranda, sem perder de vista a rede de sociabilidades estabelecida com seus colegas nas décadas de 1960, 1970 e 1980.

Marinéia Sousa, em seu artigo “Bisavó proprietária de escravas, avó casada com mulato: notas sobre a “andança” de Iracema Sampaio” analisa a construção de personagens da obra “Andanças”, cotejadas com fontes históricas no contexto de Riachão de Jacuípe, Bahia, evidenciando questões ligadas à escravidão, assim como à cor e ao branqueamento racial.

Também no campo literário, o artigo Gizelda Moraes: da poesia juvenil à consolidação literária, de Wagner Lemos, explora a contribuição da professora, romancista e poetisa Gizelda Moraes, falecida em 2015, em diferentes vertentes que englobam poesia, prosa, romance histórico e teatro, comprometendo-se em dar visibilidade nacional à sua obra, escapando, assim, de um possível “discurso reducionista”.

Benigna Ingrid Bezerril, em “A teia literária de culturas políticas do século XIX: o caso de Maria Firmina dos Reis e o lugar da mulher na sociedade oitocentista do Brasil”, deixa ecoar a voz feminina de uma professora que se afirmou em seu tempo, por ter ideias abolicionistas e de defesa das mulheres, através da literatura. No Norte do país, particularmente, no Maranhão, a voz de uma professora



e literata comprometida politicamente, evidencia um discurso singular sobre temas até então mofados nos entreveros da sociedade patriarcal.

Por fim, no texto “Mulheres, a terceira geração de dentistas da família”, aos moldes de uma prosopografia, Danilo Mota de Jesus e Josefa Eliana Souza destacam as personagens Edith Bastos e Tânia Fortes, mantendo uma tradição que, nas respectivas famílias, engloba três gerações de profissionais da área, o que desvela o nexo de interesses desencadeados na educação dessas mulheres no seio familiar. Dessa forma, os autores entendem que, embora as gerações transmitam suas vivências, as pessoas “são seres singulares, complexos e com distintas visões de vida.”

Assim, a Revista do IHGSE oportuniza contribuições que revelam a voz e a atuação feminina, no ano do Centenário de Maria Thetis Nunes, figura luminar no campo do saber, inspiradora de outros estudos sobre tantas mulheres que deixaram suas marcas na sociedade brasileira.

188

### *Referências:*

DEL PRIORE, Mary. *Histórias e Conversas de Mulheres*. São Paulo: Planeta, 2003.

COLLING, Anna Maria. Gênero e história. Um diálogo possível? *Contexto e Educação*. Editora UNIJUL, Ano 19, n. 71/72, jan./dez. 2004. p. 29-45.



## DOSSIÊ

“Mulheres no Campo do Saber”

